DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO DOS INDÍGENAS WARAO: DE PESCADORES DAS CANOAS À MENDICANCIA NAS CIDADES

Roberta Batista de Jesus Correia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista- Ba, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-6356-3760
Endereço eletrônico: geobeta@hotmail.com

Altemar Amaral Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista- Ba, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6278-052X
Endereço eletrônico: altemarrocha@gmail.com

Palavras-chave: desterritorialização; reterritorialização; indígenas Warao.

INTRODUÇÃO

A migração dos indígenas Warao para o Brasil constitui um dos mais significativos deslocamentos populacionais indígenas da América do Sul nas últimas décadas. Originários do Delta do Orinoco, na Venezuela, os Warao desenvolveram historicamente modos de vida vinculados à pesca, à navegação e ao uso sustentável dos recursos naturais, estabelecendo uma profunda relação material e simbólica com seu território. Entretanto, diferentes processos históricos, associados à expansão do capital e à ação do Estado, provocaram sucessivas perdas territoriais, culminando em movimentos de desterritorialização e migração forçada. Diante do exposto, esta pesquisa se justifica pela carência de estudos sobre esses processos num enfoque geográfico e pela necessidade de trazer luz a real situação desse povo, muitas vezes desconhecida pela população que os recebem. Nesse contexto, esta pesquisa busca compreender como se configuram as dinâmicas socioespaciais vivenciadas pelos indígenas Warao e de que forma essas dinâmicas expressam processos de (ex)inclusão na produção e apropriação do espaço urbano brasileiro.

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se, neste estágio, em levantamento bibliográfico e documental. Para discutir o conceito de espaço foram utilizados os estudos de Lefebvre (1974) e Carlos (2011, 2015). O território será analisado com base em autores como Souza (2006), Haesbaert (2009, 2021), Conceição (2021) e Oliveira (1991). Migração e povos indígenas são temas abordados com base nas obras de Tarragó (2020), Ávalos (2002) e Lafée-Wilbert e Wilbert (2008).

Também foram consultados documentos institucionais, relatórios de organismos internacionais e produções acadêmicas sobre os Warao. O referencial metodológico orienta-se pela perspectiva crítica da Geografia, compreendendo o território como categoria central para a análise das relações sociais e da produção do espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares indicam que a migração dos Warao não pode ser compreendida apenas como consequência da crise econômica venezuelana contemporânea. O levantamento teórico evidencia um longo processo de desterritorialização, como intervenções missionárias na década de 1920, projetos estatais de desenvolvimento, impactos ambientais decorrentes da barragem do rio Manamo em 1960, expansão da exploração petrolífera a partir da década de 90 e sucessivas crises sanitárias e socioeconômicas, como evidencia autores como García-Castro (2000), Rosa (2020), Lafée-Wilbert e Wilbert (2008), Tarragó (2020) e Ávalos (2002).

À luz das contribuições de Haesbaert (2009), observa-se que a desterritorialização dos Warao ocorre simultaneamente a processos de reterritorialização. É notória a presença destes conceitos na situação pretérita e atual dos Waraos. Semelhantemente a outros povos originários dos países da América, as intervenções no território dessa etnia iniciaram-se no período da colonização europeia com o avanço do capital monopolizando o território, legitimado pelo Estado, por meio do discurso de desenvolvimento, afinal este "... ao se articular com os interesses do capital, converte o território em ferramenta de gestão e controle social, organizando-o segundo as necessidades da acumulação, e não da reprodução da vida das populações" (Conceição, 2021, p. 16). Nesse processo, a natureza é mercantilizada,

tornando-se mercadoria, os territórios originários são expropriados e alterados, comprometendo intensamente o seu modo de vida. Se antes sua relação com a terra era ontológica, agora passa a ser subsumida a lógica capitalista.

De acordo com dados divulgados na última edição do relatório Refúgio e em Números (Brasil, 2025), entre 2015 e 2024, o Brasil recebeu solicitações de reconhecimento da condição de refugiadas de pessoas oriundas de 175 países, totalizando 454.165 pedidos, sendo venezuelanos a principal nacionalidade, com 266.862. Os Warao somam mais de 7 mil pessoas deste total, distribuídas em todas as regiões do Brasil.

Ao migrarem para cidades brasileiras, esses indígenas constroem novas territorialidades e estratégias de sobrevivência, ressignificando práticas tradicionais em contextos urbanos. Entre essas estratégias destaca-se a coleta de recursos nas ruas discutidas por autores como Tarragó (2020) e Ávalos (2002). Embora, para muitos observadores externos, essa prática seja interpretada como mendicância, na visão dos Waraos ela mantém o sentido de trabalho, já que não se percebem como pedintes, mas como coletores. Pedir dinheiro não é visto como ato depreciativo, mas como uma adaptação de sua economia tradicional às condições urbanas. A presença das crianças durante a coleta, frequentemente alvo de críticas e estigmas, também possui outro significado para os Waraos: trata-se de aprender o ofício, tal como fariam em qualquer outra atividade produtiva dentro de sua cultura. e produtiva dentro de sua cultura.

Em uma abordagem mais recente sobre território, Haesbaert (2021) traz uma discussão atrelada a descolonialidade, chama a atenção para estudos de diversos autores que se afastam dos modelos europeus e se aproximam da realidade de povos originários, como os indígenas. Para ele os povos indígenas ampliam a escala do exercício do poder, pois sua sobrevivência depende de múltiplas formas de relação no/do espaço — funcional, simbólica, espiritual e afetiva. Assim, o território se apresenta como dimensão crucial à existência, a própria Terra como território essencial à vida. Com isso, o autor enfatiza a importância do vínculo e controle desses povos em seus próprios territórios.

A discussão aponta ainda que os processos de inserção dos Warao no espaço urbano são marcados por contradições. Ao mesmo tempo em que encontram possibilidades de sobrevivência, enfrentam situações de vulnerabilidade social, preconceito e dificuldades de acesso a direitos básicos. A exemplo, Araújo (2021) apresenta a hipervulnerabilidade dos indígenas Warao no Norte do Brasil em tempos de pandemia. Assim, sua presença nas cidades

revela as desigualdades produzidas pela lógica capitalista e os desafios relacionados à inclusão de populações indígenas migrantes na produção do espaço urbano.

CONCLUSÕES

O levantamento teórico realizado demonstra que a trajetória migratória dos Warao está associada a processos históricos de expropriação territorial e precarização das condições de reprodução da vida. A migração para o Brasil representa uma estratégia de sobrevivência diante das sucessivas formas de desterritorialização vivenciadas por esse povo. Ao mesmo tempo, evidencia processos de reterritorialização que se materializam na construção de novas territorialidades urbanas.

Conclui-se que a análise das experiências dos Warao em território brasileiro pode contribuir para ampliar o debate sobre território, migração indígena e produção do espaço urbano, evidenciando os mecanismos de (ex)inclusão que marcam a inserção desses sujeitos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ÁVALOS, Julio. Derechos y cultura indígena**: Guayana siglo XXI.** Exploración sobre el caso del Pueblo Warao. Universidad Católica Andrés Bello-Guayana, 2002.

ARAÚJO. João L. P. de. A hipervulnerabilidade dos indígenas Warao no Norte do Brasil em tempos de pandemia. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2021. DOI: 10.24979/ambiente.v14i2.962. Disponível em: https://periodicos.uerr.edu.br:443/index.php/ambiente/article/view/962. Acesso em: 14 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). **Refúgio em Números**: 10ª Edição. Brasília, DF: OBMigra: MJSP, 2025. Disponível em: <Portal de Imigração MJSP>. Acesso em: 14 jul. 2026.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **Território e questão agrária no Brasil**. São Cristóvão: Editora UFS, 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et. al. **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2015.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.Libro digital, PDF.

LAFÉE-WILBERT, Cecilia Ayala; WILBERT, Werner. **La mujer Warao:** de recolectora deltana a recolectora urbana. Caracas, Venezuela: Instituto Caribe de Antropología y Sociología, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, 2008.

LEFEBVRE, Henri. La production de l'espace. Paris: Anthropos, 1974.

OLIVEIRA, A. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

ROSA, Marlise; TARDELLI, Gabriel; ROA, Sebastian (org.). **Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes.** 2. ed. Brasília, DF: ACNUR, 2024. PDF.

TARRAGÓ, Eduardo. Migrações Warao em território brasileiro. In: LIMA, Carmen Lúcia Silva; CIRINO, Carlos Alberto Marinho; MUÑOZ, Jenny González (org.). **Yakera, Ka Ubanoko: o dinamismo da etnicidade Warao**. Recife: UFPE, 2020. Capítulo 4, p. 120-139. Disponível em: https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/55/58/171. Acesso em: 09 dez. 2025.